

resenha

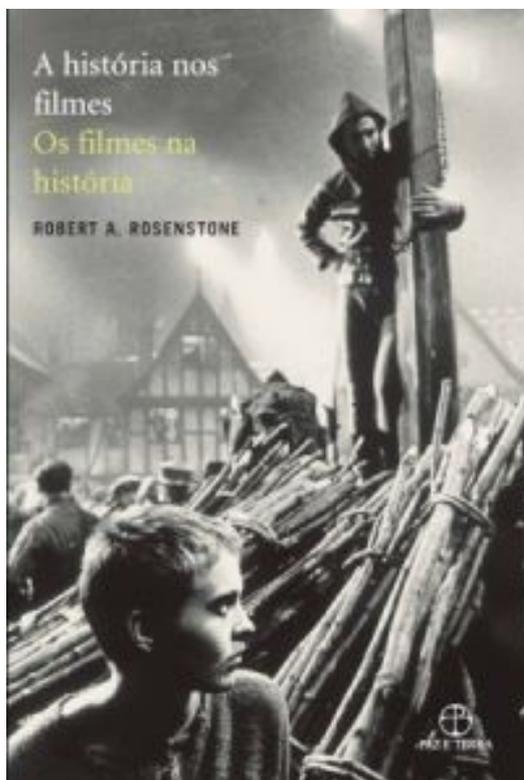
ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010, 262 p.

Será que Robert A. Rosenstone nos faz um convite ao pós-modernismo?

Julierme Sebastião Morais*

[...] Em minha busca por uma maneira nova e mais expressiva de redigir o passado, deparei-me pela primeira vez com a crítica pós-estruturalista da prática histórica que encontramos na obra de críticos como Hayden White e Frank Ankersmit. Seus escritos forneceram uma base intelectual para meus estudos sobre o cinema, pois permitiram que eu visse as limitações da história tradicional e, por conseguinte, sugeriram as possibilidades de representar o passado de maneiras novas e diferentes – uma delas sendo por meio das mídias visuais.

Robert A. Rosenstone



O mercado editorial brasileiro cada vez mais se interessa pelas relações entre cinema e História. Uma rápida percorrida por livrarias nos permite notar a quantidade expressiva de obras que versam acerca dessa temática. Entre diversas delas, gostaríamos de destacar **A história nos filmes, os filmes na história**, do historiador, escritor e roteirista estadunidense Robert A. Rosenstone.

Publicada pela editora norte-americana *Pearson Education* há cerca de quatro atrás, essa obra chega ao público brasileiro via editora *Paz e Terra* trazendo muitas novidades teóricas e conceituais, bem como chamando a atenção de muita gente, especialmente pelo seu caráter polêmico. De certo modo se desvinculando de propostas teóricas canônicas no âmbito das

relações entre a História e o cinema — sobretudo aquelas dos historiadores franceses Marc Ferro e Pierre Sorlin — Robert Rosenstone se insere no debate atinente ao estatuto do texto histórico enquanto verdade ou ficção outorgando pra si um lugar muito específico do diálogo interdisciplinar entre os estudos históricos e a linguagem cinematográfica.

Partindo do pressuposto o qual *filmes históricos* podem ser definidos como películas que por meio de sua representação de algum tema do passado conseguem afetar o modo pelo qual vemos esse passado em nosso presente, Rosenstone procura delinear três pontos-chave que lhe darão subsídio para sustentar sua tese central. Vamos a eles.

O primeiro diz respeito à idéia segundo a qual os filmes históricos e a História escrita pelos historiadores compartilham de uma mesma dimensão ficcional na composição de seus respectivos enredos. Para Rosenstone, tanto as narrativas históricas quanto o cinema (filmes históricos) não podem ser considerados realidade, isto é, constroem discursos acerca do passado, referindo-se a acontecimentos, momentos e movimentos reais, mas se utilizam do irreal e do ficcional na sua composição discursiva.

Sem dúvidas podemos notar que Rosenstone é debitário das proposições teóricas de Hayden White e Frank Ankersmit, fato que ele mesmo assume. Para White, as narrativas históricas são ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas

ciências¹, enquanto que, segundo Ankersmit, literatura e narrativa histórica podem ser contrastadas com a ciência, na medida em que seus discursos compartilham da mesma opacidade e dimensão, ou seja, possuem a capacidade de atrair mais atenção para si do que para uma realidade fictícia ou histórica que possa existir por trás do texto².

É justamente que nesse sentido que Rosenstone explora o segundo ponto-chave de sua obra. Ele não só sinaliza uma limitação da história dita tradicional, como também sugere as possibilidades de representar o passado de novas maneiras, sendo uma delas por meio das mídias visuais, especialmente o cinema.

No entanto, é oportuno ressaltar que, para historiador estadunidense, a história contada nas telas dos cinemas não deve ser analisada com os mesmos critérios daquela contada nas páginas de um livro, mas, sim, investigada sob a preocupação específica da linguagem histórica filmica. Em outros termos, a representação do passado no cinema não deve ser problematizada pelos analistas com os mesmos critérios utilizados na reflexão acerca de livros de história.

Com efeito, o terceiro ponto-chave da obra de Rosenstone é o apelo à resignificação dos conceitos de História e de historiador. De acordo com ele, nos dias de hoje o conceito de História deve receber um novo olhar, pois, ao invés de aderirmos à noção de História presente no século XIX, é preciso encará-la enquanto uma tentativa de recontar,

¹ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 98.

² ANKERSMIT, Frank R. **Historiografia e pós-modernismo**. *Topoi*, Rio de Janeiro, mar. 2001, p. 123.

explicar e interpretar o passado, dando sentido a acontecimentos, momentos, movimentos, pessoas e períodos que desapareceram. Assim, uma vez resignificado o conceito de história, a própria noção de historiador ganhará novos contornos, devendo ser utilizada para designar as pessoas que confrontam os vestígios do passado e os usam para contar enredos que fazem sentido para nós no presente.

Amparado por esses pontos-chave, bem como pela introdução do leitor num universo significativo de variadas películas, estilos cinematográficos e épocas, Rosenstone faz um denso esforço analítico atinente a cineastas do calibre de Serguei Eisenstein, Carlos Diegues, Roberto Rossellini, Vittorio e Paolo Taviani, para lançar sua tese central. A saber: a de que os cineastas que representam o passado por meio de filmes históricos, procurando entender como as questões e os problemas levantados continuam vivos para nós no presente, são ou podem ser considerados historiadores.

De acordo com ele, na totalidade de suas obras, os melhores cineastas-historiadores, entre eles os citados acima, fornecem uma interpretação ampla e uma perspectiva mais abrangente de algum tópico, aspecto ou tema do passado. Nessa medida, indubitavelmente tais cineastas podem ser encarados como historiadores.

É importante afirmar que essa proposta de Robert Rosenstone procura atualizar os debates atinentes a temática História e cinema calcando-se na diluição sumária das fronteiras entre História e ficção, assim como resumindo o ofício do historiador ao seu último turno: o lingüístico. Diante disso, temos que ponderar alguns pontos.

Se por um lado o cinema já é há, ao menos três décadas, encarado como objeto fundamental na reflexão dos historiadores acerca dos homens no tempo, por outro, como argumentou o teórico alemão Jörn Rüsen, a narrativa histórica, como todo o restante da prática historiadora, é científica, uma vez que o historiador não busca atribuir realidade à sua narrativa, mas, sim, expõe uma realidade pré-existente, que é garantida pela experiência prática dos indivíduos e apreendida pelo historiador no processo de pesquisa³.

Nesse sentido específico, as matrizes teóricas da proposta de Rosenstone ferem consideravelmente a racionalidade epistemológica dos estudos históricos, propondo a suspensão do estatuto científico do trabalho historiográfico em privilégio do primado dos códigos estéticos, sejam eles textuais ou audiovisuais. Na verdade, sua perspectiva propõe uma redução da realidade pretérita ao âmbito das linguagens, que, em última análise, levam à crença segunda a qual o conhecimento histórico consiste apenas numa construção.

Contudo, **A história nos filmes, os filmes na história** surge como referência fundamental aos interessados pelo assunto, pois, além de sua polêmica, que já seria suficiente, de um lado, essa obra compõe-se de elementos expressivos àqueles interessados por cinema e/ou História, em especial por abrir uma nova vertente de abordagem e, de outro, pode constituir-se na primeira obra publicada no país, escrita por um historiador, que inter-relaciona cinema e História sob a

³ RÜSEN, Jörn. **História Viva. Teoria da História III**: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2007, p. 68-74.

matriz teórica do que se convencionou chamar de pós-modernismo.

Acerca disso, ainda esperamos uma recepção mais densa dessa obra. Por esse motivo ainda fica a questão: Será

um convite ao pós-modernismo? A(s) resposta(s) surgirá(ão) a partir da leitura de todos que ficaram instigados em conhecer a obra resenhada.



* **JULIERME MORAIS** é Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), doutorando em História Social pela mesma Universidade e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).